

# ARTE + IDENTIDADE NEGRA = A PERFORMANCE NEGRA? UM OLHAR PARA O FÓRUM NACIONAL DE PERFORMANCE NEGRA<sup>1</sup>

*ART + BLACK IDENTITY =  
BLACK PERFORMANCE?*  
A LOOK AT THE NATIONAL  
BLACK PERFORMANCE FORUM

Jordana Dolores Peixoto<sup>2</sup>  
Rafaela Francisco<sup>3</sup>  
Renata Kabilaewatala<sup>4</sup>

1 Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq)

2 Jordana Dolores Peixoto - [jordanalola@gmail.com](mailto:jordanalola@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-5119-9916> Doutoranda e mestra em Performances Culturais pela UFG. Fundadora e atriz-narradora do Núcleo Histórias de Comadres, intérprete-criadora do Núcleo Coletivo 22 e capoeirista do Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô (Bolsista FAPEG).

3 Renata Kabilaewatala - [renata\\_lima\\_silva@ufg.br](mailto:renata_lima_silva@ufg.br) <https://orcid.org/0000-0002-7551-1468> Doutora em Artes pela Unicamp. Docente na Universidade Federal de Goiás. Diretora artística no Núcleo Coletivo 22 e capoeirista do Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô.

4 Rafaela Francisco - [rafaela\\_jesus@discente.ufg.br](mailto:rafaela_jesus@discente.ufg.br) <https://orcid.org/0000-0001-7448-9134> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestrado na mesma Instituição e programa (2020). Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Goiás (2016) (Bolsista CAPES)

## RESUMO

Este artigo realiza um estudo sobre a forma pela qual o conceito de performance negra está sendo compreendido no âmbito do Fórum Nacional de Performance Negra, com o intuito de alargar as possibilidades e espaços em que esse debate está sendo realizado por pessoas negras. O Fórum Nacional de Performance Negra é uma iniciativa do Bando de Teatro Olodum e da Cia. dos Comuns e foi criado com o objetivo de propor e cobrar ações concretas no âmbito das políticas públicas culturais voltadas para a arte negra brasileira. Compreendendo a relevância desse fórum no cenário das artes cênicas no Brasil, lançamos um olhar para as três primeiras edições, mirando as abordagens conceituais sobre performance negra presentes nas falas de algumas das personalidades que participaram desse movimento político e artístico, mas buscando compreender como o próprio Fórum performatiza sua negritude.

## Palavras-chave

Performance negra. Política. Cultura. Artes negras. Aquilombamento.

## ABSTRACT

This article conducts a study on how the concept of black performance is being understood within the scope of the National Forum of Black Performance, with the aim of expanding the possibilities and spaces where this debate is being carried out by black people. The National Black Performance Forum is an initiative of the Bando de Teatro Olodum and Cia. dos Comuns and was created with the aim of proposing and demanding concrete actions within the scope of public cultural policies aimed at black Brazilian art. Understanding the voice of this forum in the scenario of performing arts in Brazil, we take a look at the first three editions, aiming at the conceptual approaches on black performance present in the speeches of some of the personalities who participated in this political and artistic movement, but seeking to understand how the Forum itself performs his blackness.

## Keywords

Black Performance. Policy. Culture. Black Arts. *Aquilombamento*.

## INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos das performances e das artes da cena, a noção de performance negra é abordada em uma perspectiva que compreende expressões socioculturais que manifestam formas de existência e de criação do povo negro, sobretudo no contexto da diáspora africana. A necessidade do marcador étnico-racial demonstra uma atitude política frente aos apagamentos e à imagem bestializada produzidos pela colonialidade e, mais precisamente, pelo racismo que a sustenta. Pois, conforme afirma o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2020), a colonialidade institui o racismo como princípio organizador, ou como uma lógica estruturante, de todas as configurações sociais e relações de dominação da modernidade.

Grosfoguel, ao ler Frantz Fanon, compreende que a decolonialidade tem a ver com a “[...] emergência do condenado<sup>5</sup> como pensador, criador e ativista” (p. 46) e, ainda, com uma concepção de corpo aberto, pois “[...] quando o condenado comunica as questões críticas que estão fundamentadas na experiência vivida do corpo aberto, temos a emergência de um outro discurso e de uma outra forma de pensar” (p. 47). Se considerarmos tal argumentação, veremos a ideia de performance negra, cuja maior centralidade é o corpo, em sua franca e prática potência decolonial.

A partir dessa perspectiva, interessa-nos, neste artigo, buscar demonstrar a maneira com que o termo performance negra tem sido utilizado na prática, superando o velho debate sobre o que é ou não é arte, a partir do critério do cânone eurocêntrico e atento à diversidade de manifestações que podem ser lidas como artísticas, culturais, ritualísticas e/ou performáticas e que acontecem a partir de pertencimentos, reconhecimentos e afirmação do legado africano.

Essa perspectiva vai também ao encontro da concepção de performance negra como movimento negro, conforme já discutimos em outro artigo:

[...] o Movimento Negro é agente de elaboração de epistemologias, geradas dentro da própria militância, que recontam a história da diáspora africana no Brasil e pretendem escrevê-la em ato, político, cultural e que também se reflete nas pautas de reivindicação por direito à educação para a população negra e pela construção de uma educação para as relações étnico-raciais que seja antirracista. Essa reelaboração das histórias que foram apagadas ou muito mal contadas acontece através de distintas práticas e, muitas vezes, a partir de memórias coletivas, marcadas pelo trauma histórico da escravidão e seus desdobramentos sociais. [...] É nesse sentido que, a nosso ver, a ideia de Performance Negra pode ser compreendida como a dimensão estética e sinestésica do Movimento Negro, como expressão performatizada da experiência (PEIXOTO; SILVA, 2022, p. 5-6).

---

5 Termo utilizado em referência à obra *Condenados da Terra*, Frantz Fanon.

Embora haja a contribuição de uma intelectualidade acadêmica para os movimentos negros e, por sua vez, a migração de militantes negros para os espaços acadêmicos, é no contexto do movimento social que o movimento negro se configura, como também observamos anteriormente (PEIXOTO; SILVA, 2022), a partir dos estudos de Nilma Lino Gomes (2011).

Nesse sentido, o Fórum Nacional de Performance Negra, tanto pela referência direta ao termo, como por sua pretensão nacional, pareceu-nos bastante representativo no que diz respeito a como essa noção tem sido utilizada na prática. Assim, no contexto deste artigo, trazemos à baila memórias publicadas das três primeiras edições desse fórum, tomando-as como um ponto de partida para uma discussão sobre performance negra. Os materiais utilizados para análise são os rastros deixados por essas edições, através dos livros da I edição — organizado por Gustavo Mello e Luiza Bairros — e os da II e III edições — organizados por Gustavo Mello<sup>6</sup>.

O Fórum Nacional de Performance Negra é uma iniciativa do Bando de Teatro Olodum, grupo teatral sediado em Salvador e dirigido por Marcio Meirelles, e da Cia. dos Comuns, sediada no Rio de Janeiro e dirigida por Hilton Cobra. Ele foi criado com o objetivo de propor e cobrar ações concretas no âmbito das políticas públicas culturais voltadas para a arte negra brasileira.

O Fórum teve, até o presente momento, cinco edições, realizadas nos anos de 2005, 2006, 2009, 2015 e 2021. As quatro primeiras no Teatro Vila Velha, em Salvador (em que está sediado o Bando de Teatro Olodum), e a quinta edição, realizada depois de uma ‘pausa’ de seis anos, na cidade de São Paulo, no Centro Cultural São Paulo. Nesse intervalo, entre a quarta e a quinta edição, foram realizados fóruns estaduais e regionais em São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Belém e Salvador. Segundo os próprios propositores do evento:

O 1º Fórum Nacional de Performance Negra nasce da compreensão de que é imperativo um teatro e uma dança que expressem o poder e o vigor da criação artística da população negra desse país. Sua realização é um marco no percurso histórico de movimentos significativos das artes performáticas negras brasileiras (Carta de Salvador In BAIROS; MELLO, 2005, p. 14).

Ao longo dos anos, o Fórum se caracterizou, sobretudo, como um espaço de construção de estratégias que visavam maior alcance de poder de decisão, elaboração de leis, marcos legais, editais de incentivo no âmbito da cultura, aspecto fundamental na luta e na conquista de direitos para trabalhadoras/os negras/os da arte e da cultura.

---

<sup>6</sup> Infelizmente, não foram encontrados registros da IV edição em livro ou vídeo, apenas a programação por meio dos arquivos de divulgação. Quanto à V edição, tivemos acesso aos registros da transmissão realizada pelo YouTube do Centro Cultural São Paulo, no entanto, para essa análise, consideramos apenas os materiais publicados.

Um exemplo da atuação política do Fórum, desde sua primeira edição, é a “Carta de Salvador”, manifesto redigido por Leda Maria Martins<sup>7</sup> e Luiza Bairos<sup>8</sup> e assinado pelo I Fórum Nacional de Performance Negra em 1º de junho de 2005. Esse documento, que teve seu conteúdo pautado nas discussões coletivas realizadas no Fórum, apresentava um panorama do que havia sido o evento, listava os principais desafios e metas das e dos artistas e grupos realizadores de performance negra no país naquele momento e sugeria possibilidades de estratégias, ações e procedimentos para o fortalecimento dessas e desses artistas e grupos.

A “Carta de Salvador”, que posteriormente foi levada até Brasília por representantes do Fórum, entre eles Hilton Cobra e Leda Maria Martins, e entregue ao então ministro da cultura, Gilberto Gil, também salientava a importância de que as/os artistas negras/os fossem protagonistas no debate sobre a atuação das instituições governamentais responsáveis pela elaboração e gestão de políticas públicas para a arte e a cultura. Foram mencionados, por exemplo, a FUNARTE, a Secretaria de Políticas Públicas, o IPHAN etc., a fim de chamar atenção para a importância da atuação dessas instituições na construção de políticas de fomento, bem como na distribuição dos recursos, de modo transparente, com ênfase na diversidade artística e na performance negra.

Expôr a continuidade e as consequências do racismo estrutural no âmbito das políticas públicas para a cultura é um dos gritos de luta do Fórum. George Bispo de Jesus (2020), em sua dissertação de mestrado intitulada *Cultura e resistência: o ativismo do Fórum nacional de Performance Negra*, afirma que o Fórum pode ser percebido como um ‘espaço insurgente’, que propõe um debate político-cultural, “[...] propiciando uma arena não estatal de debate público e o papel da Fundação Cultural Palmares enquanto uma resposta política do Estado às demandas dos Movimentos Negros” (JESUS, 2020, p. 22). Assim, vemos a sociedade civil, sobretudo a classe artística negra, organizada e engajada para reivindicar direitos e espaço no âmbito da construção das políticas nacionais.

Ao compreendermos que o racismo opera para além da discriminação racial, isto é, de forma sistêmica e estruturante de todas as sociedades marcadas pela colonialidade (ALMEIDA, 2019) e, em especial no Brasil, graças à longevidade e intensidade com que a escravidão negra aconteceu e à maneira particular com que sua lógica prospera na manutenção do privilégio branco, veremos que pautas identitárias, como a que levantou Abdias do Nascimento, nos idos de 1940, ao afirmar o seu Teatro Negro, não são obsoletas.

Criar possibilidades de uma sociedade mais justa em todos os âmbitos, inclusive no da Cultura, por mais que isso seja um dever do Estado, não prescinde de uma atuação popular organizada e incisiva. É justamente nesse sentido, embora não apenas, que nos parece que se dá a relevância do Fórum Nacional de Performance Negra. Ao seguir esses rastros, que pistas encontramos? O que os debates e palestras realizados têm a nos dizer sobre a concepção de performance

---

7 Escritora, pesquisadora e dramaturga brasileira.

8 Ex-secretária de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia – SEPROMI/BA e ex-ministra da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

negra? Em que medida arte e política se friccionam no âmbito do Fórum e na própria compreensão de performance negra? Que estéticas ou abordagens artísticas/culturais estão sendo consideradas como performance negra?

## **I Fórum Nacional de Performance Negra – primeiros rastros, pistas para reivindicação de políticas públicas**

Assim, de 30 de maio a 1º de junho de 2005, na capital baiana, elementos que foram caros a grupos pioneiros como o Teatro Negro (Harlem) e o Teatro Experimental do Negro (Rio de Janeiro) estavam colocados no centro das discussões. A lembrança da cultura africana, a história da escravidão e do racismo e a desconstrução de imagens perversas atribuídas ao negro nos séculos de dominação e preconceito do homem branco foram temas discutidos e contextualizados dentro da realidade contemporânea (Edson Rodrigues In BAIRROS; MELLO, 2005, p. 13).

O I Fórum Nacional de Performance Negra aconteceu entre os dias 30 de maio e 1º de junho de 2005, na cidade de Salvador, nas dependências do Teatro Vila Velha e teve a participação de 47 grupos e companhias de artistas e pesquisadores de todas as regiões do Brasil. Entre as/os palestrantes estavam Abdias do Nascimento, Makota Valdina Pinto, Inacyra Falcão dos Santos, Haroldo Costa, Cuti, Edson Cardoso e Ubiratan Castro Araújo.

Segundo o jornalista, dramaturgo e ator Edson Rodrigues, responsável pela assessoria de imprensa dessa primeira edição, a escolha de realizar o Fórum fora do eixo Rio-São Paulo reflete um projeto político de resistência, que se mostra não apenas na própria temática e conteúdo dele, mas também na intenção de descentralizar os eventos que possam apontar novas direções para um projeto de política cultural para o país. Entretanto, há de se reconhecer a centralidade da cidade de Salvador nos assuntos relacionados à cultura negra.

No que tange ao entendimento sobre o que é considerado performance negra no âmbito desse fórum, é importante dizer que pudemos identificar uma pluralidade de vozes e de entendimentos e não nos pareceu ser o objetivo uma padronização conceitual. No entanto, as participações, os lugares de fala e as trajetórias vão nos dando algumas pistas.

Nesse sentido, podemos dizer que há, talvez, uma espécie de consenso na utilização do termo “performances negras”, já posto no nome escolhido para o Fórum, no sentido de abranger as produções do campo das artes cênicas que estejam comprometidas esteticamente e politicamente com as poéticas negras e a luta antirracista.

O I Fórum Nacional de Performance Negra nasce da compreensão de que o Brasil precisa de um teatro e de uma dança que expressem a grandeza da influência de sua população negra. Daí a necessidade de potencializar a capacidade criativa e transformadora dos grupos e companhias negras nas artes cênicas que, nos últimos anos, têm enriquecido o cenário cultural, promovendo um mergulho profundo na busca de certo tipo de dramaturgia, de música e de dança até então ausentes dos palcos brasileiros. [...] O fortalecimento da expressão cênica afro-brasileira também decorre de um processo mais amplo de ações do movimento negro, que colocaram na esfera pública uma alteridade negra desatrelada de estereótipos discriminatórios. (BAIRROS; MELLO, 2005, p. 8-9).

Retomando a “Carta de Salvador”, verificamos uma diversidade de propostas estéticas e formas de inserção na comunidade entre os grupos e companhias que participaram do Fórum. No entanto, esses têm em comum uma série de realizações, valores e comprometimentos com determinado tipo de prática artística e cultural, no sentido de reafirmar “a dimensão dinâmica das matrizes afro-brasileiras” (BAIRROS; MELLO, 2005, p. 14).

A escolha de Abdias do Nascimento (1914-2011), multiartista, militante político, pesquisador, professor e criador do Teatro Experimental do Negro (1944) (CARNEIRO, 2022), como homenageado da primeira edição do fórum também nos parece emblemática para a construção de um pensamento sobre performances negras, já que a própria trajetória de Abdias aponta tanto para um atravessar das fronteiras das linguagens artísticas como para uma concomitância entre arte e política, militância e criação. Em sua fala na primeira edição do Fórum, Abdias do Nascimento relatou que, na década de 40, à época da fundação do Teatro Experimental do Negro, muitas pessoas o aconselharam a escolher outro nome para o grupo, de modo que fosse excluída a palavra “negro”, pois essa escolha poderia fazer com que a iniciativa encontrasse maiores resistências e não prosperasse. Contudo, convicto de sua luta pela desconstrução dos estereótipos negativos associados à população negra na sociedade brasileira, Abdias entendia que não poderia abrir mão dessa escolha.

Outra questão abordada por Abdias é a importância das religiosidades de matriz africana como referência e base para sua poética, para seu fazer artístico. Nesse sentido, ele afirmou que o candomblé e os orixás sempre estiveram presentes em sua prática artística e essa seria uma maneira de resgatar a história do povo africano que foi afastado da própria história pelo regime escravocrata.

A influência das religiosidades afro-brasileiras e da mitologia iorubana no campo das artes da cena também foi abordada no Fórum pela artista, professora e pesquisadora Inaicyrá Falcão dos Santos, em sua palestra *A dança de matriz africana no Brasil*, que está transcrita no livro do I Fórum Nacional de Performance Negra. Em sua fala, Inaicyrá nos apresenta um histórico crítico da dança negra no Brasil e aborda também sua própria trajetória, na qual estabeleceu uma sólida investigação e abordagem pedagógica a partir da relação entre as tradições Iorubá e afro-brasileira e a dança cênica. Durante os debates, a pesquisadora, assim como Abdias do Nascimento afirmaram a importância de

reescrever a história do povo negro da diáspora a partir das próprias experiências e percepções da população negra e, nesse sentido, reconheceram a importância do Fórum.

Um evento como esse é muito importante, o Agadá, a espada, para abrir caminhos. Como disse, no início, temos pouco material documentado, registros. Há uma grande lacuna. Precisamos sistematizar esses conhecimentos, quem está na universidade, ou fora dela, num empenho de falarmos de nossa história, a partir de nossas vivências. Inúmeros povos africanos vieram para o Brasil, e essa diversidade está expressa também nas danças (Inaicrya Falcão dos Santos In BAIROS; MELLO, 2005, p. 72).

Por sua vez, Ubiratan Castro Araújo, historiador, que à época ocupava o cargo de presidente da Fundação Palmares, também evocou a mitologia iorubá em suas reflexões sobre as relações das artes com a militância política. Para tanto, narrou um itan que conta que o orixá Obaluaiyê vivia vagando pela terra miserável, enfermo, cheio de feridas e coberto de palhas, até encontrar com o orixá Ogum (que está fortemente relacionado com a guerra), que o impele a reunir-se como todos os outros e outras orixás no xirê. Dentro dessa grande festa, Obaluaiyê se encontra e dança com Iansã (orixá das ventanias e tempestades), que, com sua dança e ventania, faz as palhas de Obaluaiyê voarem. Nesse momento, então, suas feridas são curadas e ele volta a ser o que havia sido antes de adoecer, um belo guerreiro.

Na interpretação de Ubiratan, a doença do orixá é símbolo da doença da escravidão, do povo negro longe de sua terra, vagando pelo mundo em terrível sofrimento. Ogum é visto como o movimento político que mobiliza, articula e inspira coragem. Já Iansã seria a própria arte com seu poder de transformação, cura e revelação.

E eu leio que esse guerreiro, Obaluaiyê, é o povo negro, que era rei em sua terra, mas foi acometido de uma grande peste, a escravidão, que o arrancou de sua terra e o cobriu de marcas - de inferioridade, de sofrimento, de baixa auto-estima. Essas marcas o obrigavam a se esconder debaixo de vários artifícios, da mestiçagem, das palhas do disfarce de não assumir sua própria cultura com medo de ser reprimido. Entendo que Ogum é todo o movimento político de resistência negra - que diz: “- Entre, venha, não fuja! - mas só a arte, a dança, a música e a beleza de Iansã são capazes de não somente fazer com que a gente entre na sua festa, mas com que as nossas palhas todas sejam jogadas fora, as nossas feridas sejam transformadas em pipoca e que a gente possa voltar à nossa antiga imagem em uma sociedade de iguais. Então, acho que, vocês são Iansã. O teatro é Iansã. A arte é Iansã. Esse movimento, juntando a dança, a música, a roupa e a beleza, é capaz de curar nossas feridas. (Ubiratan Castro Araújo In BAIROS; MELLO, 2005, p. 141).

Se por um lado Abdias e Inaicyrá afirmam a importância da religiosidade afro-brasileira (ou dos símbolos nela presentes) na criação em artes cênicas, Ubiratan traz o pensamento afrocentrado, para performar por si, por meio da poética da oralidade, carregada de memórias míticas e ancestrais, para conceber a arte, de forma integrada e engajada. A partir das palavras do ex-presidente da Fundação Palmares, podemos representar a Performance Negra como filha de Ogum com Iansã, por sua coragem e astúcia para encarar a guerra contra o racismo e pela afirmação do ser na/com/pela arte.

Entretanto, a filha de Ogum com Iansã carrega a dimensão do conflito próprio do encontro desses dois orixás, presente também na Performance Negra, que lida com permanentes questionamentos que lhe são intrínsecos, sobretudo no que diz respeito ao teatro e à dança cênica. Tais como: as artes negras devem ser feitas apenas por artistas negros e negras? A que público ela deve comunicar? Quais os limites éticos entre o palco e o terreiro? Esses e alguns outros questionamentos são recorrentes em fóruns de discussão sobre Arte/Performance Negra e garantem debates acalorados e posicionamentos distintos, por vezes divergentes.

## **II Fórum Nacional de Performance Negra – rastros e caminhos já traçados, pistas para a compreensão do conceito de Performance Negra**

O II Fórum Nacional de Performance Negra aconteceu entre os dias 11 e 14 de setembro de 2006, também no Teatro Vila Velha na cidade de Salvador. Contou com cerca de 75 representantes de grupos e companhias que estavam atuando naquele momento e teve como personalidades homenageadas a bailarina Mercedes Baptista (1921–2014) e o ator Mário Gusmão (1928–1996).

A potência da articulação política que o Fórum mobilizou desde sua primeira edição se evidenciou com a presença de Juca Ferreira, que à época ocupava o cargo de secretário executivo do Ministério da Cultura, e Antônio Grassi, que ocupava a presidência da FUNARTE. Hilton Cobra, durante sua fala no momento de abertura, afirmou que “[...] o importante neste II Fórum é discutir o que avançou após a realização do I Fórum, sobretudo o que caberia ao Ministério da Cultura dentro daquilo que ele já vem realizando” (Hilton Cobra In MELLO, 2006, p. 11).

Os eixos que estruturaram as discussões da segunda edição do Fórum — compromisso, sobrevivência, política, dança e teatro — também foram pautados por Hilton Cobra no momento da abertura através de quatro perguntas: 1. Que proposta nós temos para a sobrevivência desses grupos que mantêm viva a cultura negra através das artes cênicas? 2. Quais são as políticas efetivas? 3. O que falta para consolidar os nossos grupos? 4. Por que um teatro negro? Por que uma dança negra? Por que um cinema negro?

Para abordar o tema do compromisso político nas Artes Negras foram convidados o cineasta Joel Zito Araújo e o coreógrafo e dançarino Nelson Triunfo. A questão da sobrevivência foi discutida pela produtora cultural inglesa Bervely

Randall e pelo palhaço do Teatro do Anônimo, João Artigos. A dança teve centralidade na fala do coreógrafo e bailarino nigeriano Peter Badejo, e o teatro, na fala do diretor teatral Amir Haddad. Já as discussões sobre políticas públicas foram pautadas nas falas do professor e pesquisador Paulo Miguez, da socióloga Luiza Bairros e de Luiz Alberto, que à época era deputado federal na Bahia.

A escolha e o entendimento do termo *performance* foi problematizado por Marcio Meirelles nessa segunda edição. Nas palavras do diretor do Bando de Teatro Olodum:

Em vez de “performance”, prefiro as palavras correspondentes em português, que são atuação, realização, desempenho, enfim, várias palavras que dizem a mesma coisa. É importante que quando a gente diga essa palavra, “performance”, possamos pensar nesses outros significados que estão aí dentro e, principalmente, naquele de sempre se adotarem como comuns, corriqueiras, no nosso falar cotidiano, palavras inglesas. É avaliar a história por trás da adoção de palavras estrangeiras, de que povo, de que cultura elas vêm, porque parece mais fácil usar palavras inglesas para se expressar. (Marcio Meirelles In MELLO, 2006, p. 9).

A pertinente provocação de Márcio Meirelles a respeito dos anglicismos na língua portuguesa parece não ter tido maiores reverberações no âmbito do fórum, uma vez que ele seguiu adotando o termo *performance* em suas edições seguintes. No entanto, no contexto deste artigo, vale a pena seguir algumas pistas do conceito de performance e o caminho que ele fez até chegar a nomear o fórum. Conforme relatam Hartmann e Langdon (2020) em artigo que historiciza os estudos da performance no Brasil, o conceito de performance é herdeiro das interações entre os estudos de sociedades ditas complexas e os estudos sobre ritual, teatro e linguagem.

Milton Singer (1972)<sup>9</sup> introduziu o termo “performance cultural” como uma proposta conceitual e metodológica para o estudo das sociedades complexas, partindo de um estudo de caso na Índia (Camargo, 2013)<sup>10</sup>. Performances culturais são gêneros performativos não limitados ao teatro ou a concertos, reconhecidos no mundo ocidental, pois também incluem ritos, rezas, cerimônias, festivais, casamentos etc. São eventos artísticos e culturais marcados por um limite temporal, uma sequência de atividades, um programa de atividades organizado, um conjunto de atores ou performers, plateia, local específico e motivação para a performance (HARTMANN; LANDGON, 2020, p. 5-6).

9 SINGER, M. When a Great Tradition Modernizes. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

10 CAMARGO, G. G. A. Antropologia da Dança I. Florianópolis: Insular, 2013.

A partir de autores como Bauman (1986) e Turner (1988), as autoras supracitadas afirmam que os estudos da “[...] performance se debruçam sobre aspectos expressivos, artísticos produzidos em sociedade, sem tratá-los meramente como ‘objetos’, mas também como maneiras de estar no mundo, que tanto expressam e refletem quanto provocam novas experiências” (HARTMANN; LANDGON, 2020, p. 4).

Um dos importantes centros dos estudos e de formulação de ideias e de investigações sobre performance é o departamento de *Performances Studies*, da *New York University*, em que passaram duas importantes referências brasileiras para essa discussão no Brasil: Zeca Ligiero e Leda Maria Martins. Esta última, também dramaturga e pesquisadora de Teatro Negro e das performances ritualísticas, em especial do Reinado mineiro, em conversa com Gustavo Melo na *live* Encontro 1, realizada pela Pele Negra – Estudos em Teatro Negro em 2020, relata o fato do próprio Marcio Meireles mencionar que a escolha do termo Performance Negra estava relacionada com o trabalho e discurso realizados por Leda Maria Martins. Isso nos faz pensar que a escolha não é ingênua e nem aleatória, ao contrário disso, atenuada com o *modus operandi* da diáspora negra, aconteceu a partir da escuta da fala dos mais velhos, nesse caso em especial, das mais velhas, isto é, das que vieram antes.

### III Fórum Nacional de Performance Negra – rastros de um movimento estético-político, pistas de aquilombamento

O III Fórum de Performance Negra aconteceu em 2009, no Teatro Vila Velha, em Salvador, entre os dias 6 e 9 de julho e contou com mais 160 representantes da dança e do teatro negro brasileiro. Naquele momento, já na abertura, os organizadores reconheceram o esforço do Ministério da Cultura em descentralizar os recursos voltados para a cultura, ressaltando a importância da criação dos Pontos de Cultura<sup>11</sup>, por exemplo.

Por respeito à verdade temos de reconhecer diversas iniciativas do Ministério da Cultura, sempre com a preocupação de evitar a concentração de atividades artísticas e culturais nos centros tradicionais, buscando atender a todas as regiões. A criação e a expansão dos Pontos de Cultura é um exemplo. Os museus foram atendidos com a fundação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O cinema tem fonte de recursos e os filmes, com o tempo mínimo de 5 minutos e máximo de 30 minutos, ganham um banco de dados de programação. Existem fundos para a diversidade cultural. A música, as artes cênicas e visuais em geral contam com o apoio a festivais e prêmios (MELLO, 2009, p. 13).

---

11 Os Pontos de Cultura foram uma das ações do programa Nacional Cultura Viva, criados em 2004 e, anos mais tarde, instituídos como política de Estado, sancionados pela Lei 13.018/2014.

Apesar dos avanços mencionados, a situação para a dança e para o teatro ainda não era favorável, chamou-se atenção para a representação negra no âmbito dos prêmios Myriam Muniz (teatro) e Klauss Vianna (Dança). Ao mesmo tempo, foi destacada a relevância de intervenções qualificadas por parte dos órgãos de promoção da igualdade racial no âmbito das políticas públicas culturais. Foram elencados alguns pontos fundamentais, como a necessidade de se criar mecanismos para a valorização da cultura afro-brasileira por meio das artes da cena, pontuada como essencial; o desenvolvimento de estratégias facilitadoras para o intercâmbio artístico nacional e internacional que busquem possibilitar disseminação de informação e conhecimento e as contribuições diretas para a estruturação e visibilidade de grupos de teatro e dança, por meio de mapeamento e atualização sistemática das atividades artísticas e culturais desenvolvidas.

Essa edição contou a participação de Ubiratan Castro de Araújo — que ocupava a presidência da Fundação Pedro Calmon (BA), Américo Córdula —, secretário de identidade e da diversidade cultural (SID), Luiza Bairros, secretária de promoção da igualdade racial (SEPROMI), Márcio Meirelles, secretário de cultura do Estado da Bahia (SECULT), Sérgio Mamberti, presidente da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) e Zulu Araújo, presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP).

Os pontos abordados por Américo Córdula nos ajudam a compreender as conquistas do Ministério da Cultura até aquele momento, no âmbito da luta antirracista no Brasil e da ampliação do entendimento do conceito Cultura. Ainda que tardios, os avanços que o Ministério da Cultura fez, no âmbito da política cultural nacional, estiveram diretamente relacionados ao debate do Fórum Nacional de Performance Negra. Córdula mencionou os entraves no diálogo com o Ministério da Educação e destacou a importância de diálogo entre os dois ministérios, por exemplo, na implementação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) (mais tarde alterada para 11.645/08) (BRASIL 2008), que prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Córdula mencionou a criação de um canal para a cultura, que, naquele momento, era também uma promessa de ampliação dos espaços de atuação da cultura negra, além de ser cogitada, inclusive, a transmissão das edições futuras do Fórum na TV. As informações que encontramos mostram que houve uma tentativa de criação do canal cultura e arte em 2001, que tinha como objetivo difundir os produtos culturais contemplados por verbas públicas federais. No entanto, a iniciativa não durou muito tempo devido à falta de recursos, por isso, saiu do ar antes mesmo de completar 1 ano de existência (ESTADÃO, 2003).

O palestrante discorreu, ainda, sobre alguns marcos históricos que foram viabilizados pelo programa Cultura Viva, a exemplo da Ação Griô, que permitiu contato da educação formal com mestres e mestras da cultura tradicional brasileira. Em 2011, houve grande mobilização nacional para transformar a ação

em projeto de lei, no entanto, não houve êxito e ele acabou sendo arquivado<sup>12</sup>. Outro ponto fundamental ao qual Córdula se referiu foi a importância de transformar, em política de Estado, as ações que estavam sendo realizadas até então como política de governo. Esse ponto foi abordado por todos os convidados, como uma forma de manutenção do que estava sendo construído, dada a magnitude de tais iniciativas para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

As falas de abertura foram finalizadas com a fala de Zulu Araújo, que também trouxe marcos importantes, como a retomada do Prêmio Performance Negra, que foi o primeiro prêmio nacional voltado para expressões afro-brasileiras e teve seu primeiro edital lançado em 2010. Na sequência, houve 4 edições, então, a última foi realizada em 2017. No site do prêmio que recebeu o nome de Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras, eles mencionam que o edital foi uma demanda do Fórum Nacional de Performance Negra em 2006<sup>13</sup>.

Outro tema importante abordado por Araújo foi a luta pela ampliação do orçamento da cultura. Naquele momento, era estabelecido pela UNESCO que 1% do orçamento da União fosse direcionado à cultura. O objetivo era que se alcançasse, no Brasil, 2% e tal proposta<sup>14</sup> já havia sido apresentada por meio do Projeto Emenda à Constituição – PEC 150/2003<sup>15</sup> à Câmara dos Deputados e ao Senado Federal.

Nessa III edição do Fórum, as homenagens foram dedicadas a Solano Trindade (1908-1974)<sup>16</sup>, Raquel Trindade (1936-2018), Léa Garcia (1933-2023), Zózimo Bulbul (1937-2013) e Ruth de Souza (1921-2019). Na ocasião, os três últimos estavam presentes e agradeceram a homenagem, exaltando a importância do Fórum. As homenagens feitas aos/às artistas mencionados/as têm a ver com valorização da memória, da representatividade e, sobretudo, de reconhecimento do trabalho e do legado desses artistas, no caso de Solano Trindade, representou também saudar à ancestralidade.

Se pensarmos a performance enquanto ato, veremos esses gestos, de pensar o futuro sem deixar de olhar o passado, como Performance Negra. Ou seja, o fato de reconhecer as trajetórias que vieram antes integra o pensamento afro-centrado de valorização das/os mais velhas/os. Essa perspectiva da Performance Negra não se restringe às artes da cena, pois se houvesse interesse em restringir o debate para produções artísticas espetaculares, talvez o termo Arte Negra pareceria mais apropriado. Assim, a escolha do termo Performance Negra deixa frestas

---

12 Mais informações em: GRÃOS de Luz e Griô. Histórico | [graosdeluzegrio.org](http://graosdeluzegrio.org). Portal Grãos de Luz e Griô, Brasil, 2001-2023. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/historico-acao-grio-nacional/>. Acesso em abr. 2023.

13 Mais informações em: PRÊMIO AFRO DE LITERATURA. Apresentação. 2017. Disponível em: <http://premioafro.org/2017/apresenta.asp>. Acesso em abr. 2023.

14 A proposta pode ser acessada na íntegra em: CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei nº 7.180, de 2014. 2014. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=160017](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=160017). Acesso em abr. 2023.

15 Apensada à PEC 324/2001.

16 O ano de 2009 marcou a comemoração do centenário de Solano Trindade.

abertas, pois se “[...] a performance transmite memórias, faz reivindicações políticas e manifesta o senso de identidade de um grupo”, como salienta Diana Taylor (2013, p. 19), o Fórum, em si, performa.

O bailarino, coreógrafo e investigador cultural, Rui Moreira integrou a mesa redonda *Instrumentos de Financiamento e Fomento*, ao lado do ator, diretor e administrador Luiz Carlos Moreira, em debate coordenado por Érico Brás (ator/BA) e Débora Almeida (atriz/RJ). Na ocasião, Rui falou sobre os Pontos de Cultura e abordou especificamente a experiência de sua produtora, a SeráQuê? Cultural com o primeiro edital da Lei Cultura Viva<sup>17</sup>, enfatizando a maneira como os excessos de burocracias em todas as etapas de implantação do ponto de Cultura depõem contra os fazedores de cultura.

Rui destacou a importância de mobilização da classe artística para que as políticas públicas sejam construídas para atender às necessidades de produção da cultura e não o contrário, como tem acontecido, visto que com o processo de burocratização estabelecido pelos editais, vários grupos e mestres/as da cultura popular, que já exerciam suas atividades antes da Lei ser promulgada, quase encerraram suas atividades.

Luiz Carlos Moreira, fundador do grupo Engenho Teatral, tratou do tema o *Programa de fomento e as políticas públicas*, apresentando críticas à mercantilização da arte e pontuando a importância dos fomentos para a continuidade dos grupos artísticos. Sua fala partiu do movimento *Arte contra barbárie* que culminou no Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. O palestrante destacou a importância de uma política de Estado para a cultura que pudesse ser cumprida por qualquer governo, o que segue sendo uma utopia, e concluiu falando que várias histórias são contadas para amarrar recursos e transformar investimentos em despesas, sobretudo no âmbito das políticas para a cultura.

A primeira parte da mesa redonda que tematizou sobre Dramaturgia Negra foi de responsabilidade do professor e diretor artístico do grupo Sankofa, Clyde Morgan e do dramaturgo e doutor em Sociologia, Julio Moracen Naranjo, coordenada por Cuti (Luiz Silva) e Valdineia Soriano. Morgan compartilhou parte do projeto *Ogum, do punhal ao plug*<sup>18</sup>, que estava iniciando naquele momento e suas inquietações com as expressões folclóricas, sobretudo pela linha tênue entre palco e o templo. O artista exaltou o evento como um “movimento para se fazer lembrar.”

Julio Moracen discorreu sobre o que denomina performance negro-africana a partir de três aspectos: 1) considerando teatro Iorubá, no teatro negro africano, nos balés africanos de Keita etc.; 2) Fazendo referência ao movimento que surgiu a partir da década de 1970, com a performance negra norte-americana associada à luta pelos direitos civis, que ele considera estar enraizado no movimento cultural de 1920, denominado Renascimento do Harlem (Harlem

17 Lei que almejou a criação de Pontos e Pontões de cultura no Brasil.

18 O projeto contou com a integração de diversos artistas e pretendeu trabalhar a partir do Orixá Ogum a construção de reflexões estéticas e expressivas por meio das mais diversas linguagens artísticas conectadas com a contemporaneidade.

Renascence); e, por fim, 3) o teatro negro latino-caribenho, que é o campo que ele mais se debruça e considera um dos mais ricos para a compreensão da performance negra, que é também chamado de teatro negro caribenho.

Moracen trouxe conceitos como *Contraponteio* e Transculturação e transcrição (ORTIZ, 1984, 1983) para ajudar a compreender as manifestações das performances negras caribenhas:

Então, por *contraponteio*, Fernando Ortiz toma elementos culturais que convergem entre si, tradições africanas e tradições europeias que estão contraponteando. E o importante não é que haja entre elas uma harmonia racional, mas sim a existência deles em si, pois esta existência já dá lugar à algo, mostra que alguma coisa está acontecendo, há a harmonia como um todo mágico. É o que propõe o conceito de *contraponteio* associado ao conceito de *transculturação*. Quando é trazido à análise da performance negra, nós vemos que, em discurso, estão diferentes elementos da dança tradicional, das danças de origem africana, a expressão teatral negra, a maneira e o comportamento do homem negro. Não importa que cada um desses elementos possa seguir um ou outro estilo, o importante é que eles estejam *contraponteando*, nesse processo de *contraponteio*, surgirá algo novo, neste caso, a *transculturação* (Julio Moracen Naranjo In MELLO, 2009, p. 132).

O palestrante também mencionou as noções de *presentificação e representificação*, como aspectos fundantes da criação de artistas que produzem a partir da própria experiência, nesse caso, a experiência de corpos negros, constantemente invisibilizados nos processos de aprendizado formal. O dramaturgo comentou as produções negras daquele momento e afirmou que:

[...] notamos que os que mais têm sido capazes de realizar trabalhos de teatro e performance negra com qualidade respeitável são os grupos que trabalham a partir do diálogo com as ciências sociais, envolvendo-se numa pesquisa de campo e numa produção totalmente ligadas à história, à sociologia e à antropologia. São buscas artísticas que lhes permitem dialogar profissionalmente com esse universo de *presentificação e representificação* no qual a arte está encadeada como um estereótipo cultural (Julio Moracen Naranjo In MELLO, 2009, p. 134).

Tal afirmação é baseada sobretudo em sua própria busca por referenciais ausentes em sua formação, que resultou na construção de uma técnica e teatro negro próprios, conduzindo-o a uma comunidade haitiana e a sua iniciação no *Vodu*. Os seus encaminhamentos finais passaram pela importância de uma dramaturgia negra para construção de experiências conscientes em performance negra, que só poderão ser alcançadas mediante o ensino da história e da cultura negra como cultura nacional. Aproveitou, ainda, para exaltar Ogum como fundamental para o entendimento da identidade nacional, como havia afirmado Clyde Morgan.

A segunda parte da mesa redonda sobre Dramaturgia Negra contou com participação do escritor e roteirista Paulo Lins que tratou da representação da periferia na cultura nacional e do ator Tonny Hall que falou sobre Jouvay popular Theatre Process (JPTP) — abertura do carnaval popular no Caribe. As duas falas apresentaram aspectos distintos da performance negra. O primeiro do ponto de vista da naturalização da violência diretamente relacionada à periferia e, conseqüentemente, à pessoa negra no Brasil. Nas palavras de Lins:

Eu desenhei através da arte uma realidade que está aí todo dia nos jornais, que é a realidade de milhões de pessoas na América Latina, pois não tem nenhuma diferença entre a violência urbana de Cariacica, Recife, Rio, Quito, Caracas ou Cidade do México. É uma violência típica de países que foram colonizados e que tiveram escravidão (Paulo Lins in MELLO, 2009, p. 148).

Lins destacou a importância das obras *Cidade dos Homens* e *Opaió*, que foram veiculadas na TV aberta em rede nacional, sobretudo por terem sido protagonizadas por pessoas negras. Já Tonny Hall falou sobre manifestações tradicionais da República de Trinidad e Tobago, abordando aspectos culturais que foram assimilados pela diáspora africana e indiana e a maneira pela qual seu grupo artístico (JPTP) dialoga com a cultura local para criar e produzir arte.

A última Mesa Redonda, nomeada Política e Cultura, contou com a presença de Sueli Carneiro, filósofa e diretora do Geledés – Instituto de Mulheres e Zélia Amador de Deus, Militante do Movimento Negro, doutora em Ciências e professora da Universidade Federal do Pará e foi mediada pela socióloga Luiza Bairros. Sueli Carneiro versou sobre *Política cultural e cultura política: contradições e complementaridades*, enquanto Zélia Amador discutiu sobre *Presença negra na região Amazônica — performances rituais*.

É importante destacar que, na configuração das mesas, há o interesse em se debater assuntos diretamente relacionados ao fazer artístico da dança e do teatro, e que esse interesse também se expande para fora da cena, como é o caso do candomblé. Mas também são centrais as questões relacionadas às políticas públicas, que parecem ter sido a grande tônica dessas três primeiras edições e que, sem dúvida, impactam as possibilidades de fazer arte e, sobretudo, de viver de arte.

Uma consciência crítica da problemática do racismo como um fator impeditivo ou mesmo como um obstáculo para as performances negras, e o entendimento da necessidade de organização e mobilização, pode ser compreendida em termos de aquilombamento.

A historiadora, poeta e ativista Beatriz Nascimento (1942-1995) defendeu que a ideia de quilombo não deveria se restringir a um passado, ou mesmo a uma categoria territorial, mas como algo que está presente no indivíduo que se territorializa e que diz respeito às mais diversas formas de resistência e expressão do povo preto. Percebido pela autora como uma simbologia, o Quilombo, ao mesmo tempo em que reivindica o direito à terra, é a reivindicação de si

mesmo como sujeito. Nas palavras de Beatriz, “[...] a terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, estou. Quando eu estou, eu sou” (NASCIMENTO, 1989 apud RATTS, 2006, p. 59).

O quilombo teorizado por Beatriz Nascimento tem sua continuidade nas favelas e nos territórios ocupados pela população negra. Vale ressaltar ainda que “O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem. Para Beatriz Nascimento, a África e o Quilombo são terras-mãe imaginadas” (NASCIMENTO, 1989 apud RATTS 2006, p. 59). Portanto, recriadas no cotidiano de cada comunidade negra.

É nesse sentido que Stéfane Souto (2020), a partir das ideias de Beatriz Nascimento, pensa o “aquilombamento” e a continuidade do ato de aquilombar como estratégia de resistência e coletividade, capaz de designar experiências de organização e intervenção social protagonizada pela população negra na atualidade, no campo da cultura.

Se “cada cabeça é um quilombo”, como anuncia Nascimento (1989), aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político. No entanto, de que forma tais experiências podem apresentar novas referências de atuação no campo da cultura? (SOUTO, 2020, p. 141).

A nosso ver, a pergunta da autora supracitada é bem respondida pela história do Fórum Nacional de Performance Negra, que ao rejeitar “[...] qualquer posição de suposta neutralidade política por parte da gestão da cultura” (SOUTO, 2020, p. 144), na tentativa de visibilizar a produção cultural negra; no ato de criar um espaço-tempo de pertencimento e identificação e, por fim, ao reconhecer e homenagear os/as que vieram antes, instaura, por meio de aquilombamento, uma tecnologia ancestral de política cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante reparar que as três edições do Fórum de Performance Negra mencionadas neste artigo ocorreram antes de um período sombrio que acometeu a política e a vida social brasileira, com ventos fortes de conservadorismo que impulsionaram uma virada extrema à direita. O golpe de 2016, isto é, o *impeachment* sem justa causa da presidenta, Dilma Rousseff, eleita democraticamente, é um dos marcos desse momento, que se apresentou à população brasileira como um verdadeiro show dos horrores. Nesse sentido, foram transmitidos desde ataques homofóbicos e misóginos até exaltação de ditadores e torturadores ao vivo, na TV aberta, proferidos pelos representantes eleitos pelo povo. Apenas por esses elementos é possível mensurar o retrocesso que esse período representou para as políticas culturais de modo geral, mas, no que tange à pauta antirracista levantada pelo Fórum, o golpe foi ainda maior, pois tivemos que assistir a Fundação

Palmares<sup>19</sup> ser assaltada por um discurso absolutamente avesso aos seus próprios princípios, isto é, o reconhecimento do racismo como uma mazela social que o Estado tem por responsabilidade combater.

Apesar dos avanços das políticas públicas que os/as propositores/as do Fórum puderam acompanhar desde a realização da primeira edição em 2005 até a quarta, em 2015, uma antes do “trem descarrilhar”, ainda havia muitas questões e políticas para serem debatidas, melhoradas e implementadas. O cenário de desmonte deixou explícita a fragilidade de nossa tão sonhada democracia e asfixiou, em praça pública, políticas culturais que davam seus primeiros suspiros de vida.

No entanto, é fato que, além do trabalho do Fórum, a última década foi marcada por uma intensificação da pauta identitária sobre relações étnico-raciais e representatividade, sobretudo a partir das redes sociais. Esse movimento de efervescência contribuiu para a criação/ampliação de espaços de atuação para artistas negros/as, ainda que não de modo equânime.

A última edição do Fórum, em 2021, aconteceu em meio a pandemia por covid-19 e em meio a um governo pós-golpe que, de tão à direita, foi lido como fascista. Apesar do cenário de assombros, mortos e escombros, houve diversos movimentos de insurgência e resistência no Brasil às tentativas de silenciamento e de extermínio veladas (e muitas vezes explícitas) da população negra, que se atualizaram de diversas maneiras. A quinta edição do Fórum, realizada virtualmente, é um exemplo disso.

A manutenção e continuidade da história do Fórum Nacional de Performance Negra reverberaram, direta ou indiretamente, em outras iniciativas, tais como *Festival das Artes Negras de Belo Horizonte*, no *Fórum Negro das Artes Cênicas* (Salvador), no *Festival A Cena Tá Preta* (Salvador) e o *Ciclo de Estudos Em Teatro Negro* (iniciativa de artistas, docentes e discentes do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA), no *Olonadé* (organizado pelo Cia. dos Comuns no Rio de Janeiro) e tantas outras ações de grande, pequeno e médio porte que acontecem Brasil afora, com o intuito de promover aquilombamento. Não se tratam de ações isoladas de um produtor, artista ou grupo preocupado apenas com seu projeto, mas de movimentos de caráter político-estético reivindicando uma mudança de cenário.

Desde a eleição presidencial em 2022, que decretou o fim de um governo absolutamente negligente com a vida e com a arte, o ar voltou a circular e pudemos voltar a respirar, embora ainda com bastantes sequelas. Mas, considerando as discussões realizadas no âmbito do Fórum, as quais tentamos sintetizar neste escrito, não podemos baixar a guarda, devemos nos manter vigilantes, afinal, o pacto narcísico da branquitude é silencioso, como já nos alertou Cida Bento (2022).

Sabemos que grandes conquistas, em termos de direitos para a população negra, são fruto do trabalho dos movimentos negros. Assim, a nosso ver,

19 A Fundação Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura tem a missão de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. LEI Nº 7.668, DE 22 DE AGOSTO DE 1988.

o Fórum Nacional de Performance Negra se inscreve como movimento negro engajado com as pautas da cultura e, de forma pertinente, apropria-se do termo performance negra para tratar de manifestações expressivas diversas e aproximá-las do debate político.

No que diz respeito ao tratamento dado ao conceito de performance negra nas discussões do Fórum, ressaltamos que há uma pluralidade de perspectivas, mas que há uma espécie de consenso na utilização do termo, no sentido de compreender as produções do campo das artes cênicas que estejam comprometidas estética e politicamente com as poéticas negras e a luta antirracista. Na análise realizada, deparamo-nos com poucas falas que versavam de maneira específica sobre o conceito de performance negra e percebemos que, talvez, a necessidade de definição de um conceito não seja uma demanda dos fazedores de performance negra. Apesar disso, a partir da concepção da performance negra como práxis, podemos vê-la explicitada na trajetória das/os homenageadas/os, nas oficinas e palestras de cada artista-pesquisador/a ou militante, bem como na construção de lutas coletivas e nas poéticas negras dos grupos participantes.

O Fórum nos mostra que, para existir performance negra, é preciso ter consciência política, bem como a valorização de artistas negros/as e o reconhecimento de referenciais estéticos que possam restituir humanidades e refazer sua imagem perdida na diáspora. Uma vez que, ao perder a sua referência humana no processo de escravização a população negra passou a ser tratada como coisa, como asseverou Beatriz Nascimento (1989), em seu clássico documentário *Ori*, as performances negras, como vêm sendo tratadas pelo Fórum, operam no sentido de contestar o status de objeto imputado.

Assim, como se fez na última edição do Fórum Nacional de Performance Negra, dedicamos este artigo à memória de Luiza Bairros, militante e intelectual brasileira, finada em 2016 e que atuou em muitas frentes do Movimento Negro, inclusive no Fórum.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. Coleção Feminismos Plurais (Selo Sueli Carneiro). São Paulo: Pólen, 2019.
- BAIRROS, Luiza; MELLO, Gustavo (orgs.). I Fórum Nacional de Performance Negra. Salvador: Funarte, 2005.
- BAIRROS, Luiza; MARTINS, Leda Maria. Carta de Salvador. In: I Fórum Nacional de Performance Negra. Salvador: Funarte, 2005.
- BAUMAN, R. Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. Lei 10639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, p.1, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei 11645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: Brasília, DF, p.1, 11 mar. 2008.
- ESTADÃO. MinC tira do ar TV Cultura e Arte. Estadão, 7 mar. 2003. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,minc-tira-do-ar-tv-cultura-e-arte,20030307p2579>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- GROSGOUEL, R. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- HARTMANN, Luciana; LANGDON, Esther Jean. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. BIB, São Paulo, n. 91, p. 1–31, 2020.
- CARNEIRO, Amanda. Abdias Nascimento: um artista panamefricano. In: Abdias Nascimento - um artista panamefricano. São Paulo: Catálogo MASP, 2022.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 133–154, abr. 2011.
- JESUS, George Bispo de. Cultura e resistência: o ativismo do Fórum Nacional de Performance Negra. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador: UFBA, 2020. 157 f.:il.

- MELLO, Gustavo (org.). II Fórum Nacional de Performance Negra. Salvador: Funarte, 2006.
- MELLO, Gustavo (org.). III Fórum Nacional de Performance Negra. Salvador, 2009.
- NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. SP: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125.
- ORI. Direção Raquel Gerber. Narração Beatriz Nascimento. Produção Raquel Gerber. Brasil, São Paulo, 1989, 93 min. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori>. Acesso em 20 abr. 2023.
- ORTIZ, Fernando. Los bailes y el teatro de los negros em el folklore de Cuba. 1.ed. La Habana: Eds. Cárdenas, 1951; La Habana: Ministerio de Educación. Dirección de Cultura, 1951; La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1981.
- ORTIZ, Fernando. Contrapunteo Cubano del tabaco y el azúcar.[ 1. Ed. 1940]. La Habana: Ciencias Sociales, 1983.
- PEIXOTO, Jordana Dolores; SILVA, Renata de Lima. Negro Teatro, Negra Performance. Revista Brasileira de Estudos da Presença, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 1–21, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/120854>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- PELE NEGRA — Escola de Teatro(s) Preto(s). Encontro 1: LEDA MARTINS - ESTUDOS EM TEATRO NEGRO. Produção: Fabíola Nansurê, Juliana Monique, Juliette Nascimento, Luiz Antônio Sena Jr e Manu Moraes. Youtube: Pele Negra - Escola de Teatro (s) Negro (s), [s.l.], 12 maio 2020. (130min40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cmiemy5gJkI&list=PLQg5hRy8xlBf1yn54su257hAYJz-V-sj-z>. Acesso em 20 abr. 2023.
- RATTTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. SP: Instituto Kuanza, 2006.
- SANTANA, Mônica Pereira de. Mulheres negras: (auto) - (re)invenções devires e criação de novos discursos de si nos corpos de criadoras negras. Tese (doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Salvador: UFBA, 2021. 306 f.: il.
- SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. Revista Metamorfose, v. 4, n. 4, p. 133–144, jun. 2020.
- TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- TURNER, V. The Anthropology of Performance. Nova York: P. A. J. Publications, 1988.

Submetido em: 24/06/2023  
Aceito em: 19/12/2022